



EXPERIÊNCIAS EM DANÇAS AFRICANAS, POR MEIO DE OFICINAS PRÁTICAS PARA COMUNIDADE UNILABIANA.

Hortência Fernandes¹
Carolina Maria Costa Bernardo²

RESUMO

A experiência como segunda bolsistas do projeto de ubuntu dance, ocorreu entre o período de fevereiro de 2022 à dezembro do mesmo ano. Durante esse período foram desenvolvidas várias habilidades e competências acerca do ensino e aprendizado em relação a danças áfricas, especificamente dos países lusófonos parceiros da UNILAB. Foi um desafio porque foi minha primeira experiência ensinando as danças que eu realizada como arte e hobby. Embora ela tinha adquirido experiência de dois (2) anos como elemento do grupo desse projeto fazendo apresentações internas assim como externas, mas eram posições e posturas completamente diferentes. Necessitava de outras habilidades e compreensão que não resumia apenas em aprender as coreografias, mas entender qual era o conceito, a relevância, a cultura dessa dança, o que ela expressa e como repassar para um indivíduo que nunca teve essa vivência/experiência ou nunca teve contato com a dança. Também envolve uma comunidade com várias diversidades culturais, costume e linguajar distintos. No entanto, com decorrer dos planejamentos e organização do plano do desenvolvimento das atividades junto com a orientação da coordenadora, alguns conhecimentos prévios em relação as danças e com muitas pesquisas/estudos acerca da dança dos países lusófonos, consegui suprir algumas inseguranças e ser uma facilitadora nesse processo. A oficina dessas danças africanas contribuiu de forma satisfatória, porque além de atingir alguns pontos do objetivo do próprio projeto, que é promover a relação entre estudantes internacionais e a comunidade unilabiana, ajudar para o enriquecimento de formação acerca das culturas africanas, auxiliou também no requisito do bem-estar da saúde e físico e mental.

Palavras-chave: Dança africanas; integração; Palop; Ubuntu dance.

Palavras-chave: Dança africanas; integração; Palop; Ubuntu dance.

UNILAB, ENFERMAGEM, Discente, hortenciaunilab@gmail.com¹
UNILAB, HUMANAS, Docente, carolcostabernardo@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Ao pensar em dança no mundo africano poderá deparar-se com muitas indagações, tais como: O que é a dança africana? Por que existe no dia a dia dos africanos? Qual é o seu tipo? perguntas como essas exigem uma variedade de respostas. As danças africanas incorporam a extensa cultura do continente africano e representam um dos meios de comunicação cultural. Podem ser consideradas expressões culturais dos povos africanos, que geralmente expressam ritualmente, mas a maior parte dos ritmos das danças africanas estão associados a um aspeto religioso. Esse tipo de manifestação é de extrema importância para o seu povo, constituindo parte essencial da vida. É uma maneira de estarem sempre conectados com seus antepassados e carrega uma poderosa carga espiritual, emocional e artística, além do entretenimento e diversão. No entanto, as danças africanas não devem ser vistas de mesma forma em todos os países da África, dada a diversidade culturais existente no continente, distinguindo-se de região para região, um fenómeno universal e, no entanto, presentes no mundo todo, visto que o homem constrói suas práticas em conformidade com lições aprendidas ao longo do tempo em sua comunidade, o que é sempre diferente dos outros. São variadas as sugestões das estéticas da dança, bem como as relações que se determinam com os acontecimentos e com suas intenções, contudo a musicalidade e percussão estão presentes em todas elas.

A importância da dança nos países africanos, especialmente nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), é realmente significativa e abrange diversas dimensões, como a espiritual, cultural, social e política. A citação de Carlos Jorge Sequeira Simões destaca como a dança reflete o desenvolvimento social ao longo da história, incorporando técnicas, valores e significados das civilizações em que está presente. Além disso, a dança tem o potencial de processos de renovação, transformação e significado da sociedade. Uma análise das danças em diferentes países africanos, como Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, demonstra como cada uma das tem raízes profundas na cultura e na história dessas nações. Em Angola, por exemplo, a dança kizomba vem da língua kimbundo que significa encontro, confraternização. Kizomba também significa festa do povo (festa de quintal), que o nome originou nas danças dos negros que resistiram à escravidão. Era congregação, confraternização, resistência. Um legado de luta por liberdade e por justiça. Eram festa e resistência cultural de um povo. Era a exaltação da vida e da liberdade. É de notar que esta interpretação da palavra kizomba é da origem no Kimbundo e é relatada já em 1894 no Bulletin of the American Geographical Society of New York. De acordo com Federica Toldo (2016), a dança kizomba também “o termo é genérico Kimbundo, língua falada em Luanda e hinterland, cujo significado é folguedo, dança, diversão, bailarico” (cf. ASSIS Jr., sd.: 153) Izomba -plural de kizomba é a designação de uma obra inigualável do conhecido etnógrafo Óscar Ribas, ela tem por objetivo o estudo das práticas recreativas e associadas nas danças da região de Luanda. Na Guiné-Bissau o Gumbé é um gênero musical que nasceu de alguns ritmos da Guiné-Bissau como música e danças tradicionais ou folclóricas, entre esses estilos estão: Tina, Brokxa, Kussundé (da etnia balanta), Djambadon (Mandinga) e Kunderé (Bijagós ou Budjukus na língua crioulo de guiné) e o principal instrumento musical é cabaça - por conta da sua facilidade de uso fazendo com que sejam produzidos sons para várias danças étnicas. Esse instrumento é apropriado nos momentos específicos, como para os rituais, cerimônias tradicionais e fúnebres. Para Skinner (1978) Gumbé é o estilo de música urbana guineense/ africana, melodia que acompanha os poemas dos djidius nascida da fusão da música crioula “Badju di Sala” com a música nativa, o seu surgimento foi na segunda grande guerra mundial; associação multicultural de jovens (várias etnias e religiões), com fins de recreação e interajuda. Em Cabo Verde, Funaná é considerado como música/dança tradicional, mas que provém em busca de aculturação dos gêneros musicais portugueses e surge no século XX esse genuíno gênero musical que é dançado em par. A dança funaná surgiu na ilha de Santiago e é



princípio da autonomia da bolsista e com participação dos alunos que se inscreveram para as oficinas. As atividades foram realizadas na Garagem Cultural, no Centro de Redenção. Para isso foram utilizadas oficinas pedagógicas como metodologia de ensino e aprendizagem e como metodologia de trabalho que prevê a formação coletiva no qual uma pessoa aprende com a outra. As danças africanas escolhidas para as oficinas foram: gumbé de Guiné-Bissau, funaná de Cabo-Verde, Marrabenta de Moçambique e Kizomba de Angola.

Os meses de fevereiro e março foram períodos de formação, planejamentos, organizações da bolsista e das ações previstas através de encontros(reuniões), onde ficou definido a abordagem das oficinas e a agenda de trabalho. Os dias de orientação semanal com a coordenadora, segundas-feiras, as terças seriam reservadas para a bolsista preparar, organizar e ensaiar os passos, nos sábados as realizações das oficinas práticas.

Em abril foi criada a página ubuntudance no Instagram com finalidade de divulgar as informações acerca do projeto, foi aberto as inscrições para a comunidade em geral (interna e externa) e foram atualizadas as páginas com fotos, card. Informativos.

No mês de maio foi divulgada o resultado da inscrição aos inscritos pelo e-mail e a data do começo da oficina na página oficial de ubuntudance. A oficina teve o seu início no dia 14 de maio com dança de Gumbé, a ocasião foi dividida em dois momentos, primeiro teve apresentação dos participantes e a explicação acerca do objetivo do projeto, na segunda parte teve demonstração dos passos de gumbé para os alunos, em que primeiramente a bolsista demonstrou a dança e depois ensinou passo a passo os ritmos. No dia 21 e 28 deu-se a continuidade do mesmo estilo de dança(gumbé) com novas músicas e coreografias, seguindo o mesmo esquema, demonstrando e ensinando passo a passo. No mês de junho foi a vez da dança de funaná, que foi trabalhado nos dias 3, 10,17 e 24 com a mesma metodologia. Em mês de julho foi trabalhada a coreografia de marrabenta. E no mês de agosto teve o recesso das atividades, mas seguiu com os planejamento e organização, que estendeu até o mês de outubro para retomada no novo semestre acadêmico.

No dia 12 de novembro projeto participou de uma excursão em Fortaleza, atividade realizada pelo grupo BOOM BOOM BLACK, em comemoração dos seus 4 anos de existência, o baile mais black de Fortal, o evento trouxe, conforme destacou os organizadores, um 'conceito' novo, ou melhor fazendo um resgate do que é nosso, da nossa cultura, nossa musicalidade. A participação do projeto fez parte da programação com intuito de levar ou melhor ensinar os ritmos/coreografia de danças para galera de Fortaleza e também divulgar o nosso trabalho, fazendo que essas pessoas conhecem mais sobre o projeto.

A oficina dessas danças africanas tem contribuiu de forma satisfatória, porque além de atingir alguns pontos do objetivo do próprio projeto que é prover a relação entre estudantes internacionais e a comunidade unilabiana, ajudar para o enriquecimento de formação acerca das culturas africanas. Foi um trabalho satisfatório e desafiador pela bolsista, porque antes de começar surgia a dúvida, além dos estilos que vão ser ensinadas ou seja se alunos conseguiriam pegar os passos de forma leve com a metodologia que vai ser aplicada, mas principalmente a questão da interação e a convivência, porque envolve uma comunidade que dentro dela têm suas diferenças seja na cultura, costume, linguajar, mas que ao passar dos tempos foi se construindo uma relação de carinho, respeito, empatia e uma integração muito boa entre todas as pessoas envolvidas. Com isso, vem se despertando o contentamento por parte dos participantes que relataram que essas oficinas o tens ajudado muito para aliviar os estresses dos livros, dos docentes e ente outros problemas, percebe-se uma relação de carinho e integração muito boa entre eles, há alegria e entusiasmo da parte deles que sempre perguntam: "quando será a próxima oficina?", também se nota uma evolução na forma de dançar ou seja estão aprendendo mesmo a dançar os ritmos propostos.



CONCLUSÕES

No entanto, o projeto conseguiu alcançar alguns dos seus objetivos, ofertar a comunidade unilabiana interna, assim como externa experiência de danças africanas, trazendo um ritmo diferenciado dos nativos, ao mesmo tempo também proporcionando um ambiente amigável de integração, de conhecimento de arte de outras culturas e fortalecendo os vínculos entre as pessoas, ajudando no conforto físico, aliviando o stress do dia a dia. Foi uma experiência satisfatória, não só por ensinar os passos, mas é ver o interesse das pessoas em participar e a interação entre eles, e no final da oficina as vezes tem um que sugere ou traz um ritmo que ele conhece para partilhar com os demais participantes. Os feedbacks da roda de conversa minutos antes das oficinas foram muito relevantes para juntos adaptarmos e construímos um método e uma técnica melhor para passar esse conhecimento sobre as danças africanas.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para o projeto “mãe” a Unicultura, especialmente ao eixo UbuntuDance pela oportunidade e a todos os elementos seja da parte administrativa, assim como os colaboradores, e a minha coordenadora Carol Costa Bernardo pelas magnífica orientação e o carinho especial para esse projeto lindo e de riqueza mútua. Foi uma experiência incrível de muito aprendizado que vou levar para toda a minha vida.

REFERÊNCIAS

SBARDELOTTO, Moisés. “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu”. Entrevista com Bas’llele Malomalo. Revista do Instituto Humanistas Unisinos -IHU. SÃO LEOPOLDO, 06 DE dezembro DE 2010 | EDIÇÃO 353. Disponível:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao353.pdf>. Acessado no dia 07/07/2020;

SOUSA, Sara Morais Ribeiro de. A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança: Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado. Porto, 2013. Disponível: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3062/1/SaraSousa%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20MRI%20UnivAberta2013.pdf>. Acessado no dia 10/07/2020

SIMÕES, Carlos Jorge Sequeira. O Processo identitário na construção de um ofício artístico múltiplo de vocação: Um olhar a partir da atividade de ensino da dança Kizomba. Algarve, Portugal, 2016.

Disponível: https://associacaoportuguesasociologia.pt/ix_congresso/docs/final/COM0063.pdf. Acessado no dia 16/07/2020;

SIMÕES, Carlos Jorge Sequeira. Identidades e trajetórias dos professores de dança Kizomba. dissertação de mestrado em sociologia. Algarve, 2016 Disponível: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/10042/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carlos%20Sim%C3%B5es.pdf>. Acessado 22/07/2020;